

Marcos Laffin

# tempo dentro do tempo



Neste livro, *Tempo dentro do tempo*, o poema de Marcos Laffin ostenta a maturidade resultante do processo de decantação pelo efetivo exercício poético. Quando está, de fato, maduro o poema? Quem escreve tem consciência de que está implicado em processo infundável. Quanto maior a consciência de que a prática da escritura tem por escopo a criação de obra de arte, tanto mais essa mesma consciência se mostra insatisfeita com o produto concretizado, instigando para sempre novas reescrituras. Estes poemas de Laffin, embora ainda estivessem retidos pela malha fina da consciência crítica do poeta, seguramente nada mais contêm de experimentalismo iniciatório. O próprio título – *Tempo dentro do tempo*, a par da problemática do fluxo inexorável do tempo, da exigida “coragem / na margem torta do tempo”, denuncia a exigüidade sempre insatisfatória do tempo de escritura, do tempo de gestação e maturação do poema, tempo este que pode ser vislumbrado dentro do tempo.

O poema de Marcos Laffin demonstra, de forma inquestionável, a vitalidade da linguagem poética. Embora se apresente a “palavra reclusa”, ela não deixa de ser “testemunho”, porque a palavra poética, por mais reclusa que seja, por mais disparidades que se interponham nas suas conexões e relacionamentos, por mais que ela se esquive de qualquer apreensão denotativo-racional, essa palavra nunca abdica da sua soberania mágica, do seu metamorfoseante poder transfigurador, da insubmissão a significados definidos ou a roteiros preestabelecidos.

Lauro Junkes

tempo dentro  
do tempo

Marcos Laffin

tempo dentro  
do tempo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Alvaro Tombes Prata*

Vice-Reitor

*Carlos Alberto Justo da Silva*

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

*Luiz Henrique de Araújo Dutra*

Conselho Editorial

*Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)*

*Carmen Sílvia Rial*

*João Pedro Assumpção Bastos*

*José Rubens Morato Leite*

*Maria Cristina Marino Calvo*

*Lucídio Bianchetti*

*Rosana Kamita*

*Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros*

Editora da UFSC

Florianópolis

2009

© 2009 Marcos Laffin

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade  
Caixa Postal 476  
88010-970 – Florianópolis – SC  
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686  
Fax: (48) 3721-9680  
edufsc@editora.ufsc.br  
www.editora.ufsc.br

Direção editorial:  
*Paulo Roberto da Silva*

Capa e editoração:  
*Paulo Roberto da Silva*

Foto de capa:  
*Leonardo Gomes da Silva*

Revisão técnico-editorial:  
*Aldy Vergés Maingué*

Revisão:  
*Maria Geralda Soprana Dias*

Ficha Catalográfica  
(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina)

---

L163t Laffin, Marcos  
Tempo dentro do tempo / Marcos  
Laffin. – Florianópolis : Ed. da UFSC,  
2009.  
111p.  
1. Literatura. 2. Literatura catarinense.  
3. Poesia. I. Título.

CDU 869.0(816.4)

---

ISBN 978-85-328-0457-0

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá  
ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem  
prévia permissão por escrito da Editora da UFSC.

Impresso no Brasil

## Sumário

Horizontes do tempo	C 11
Rescador	C 23
Margem azul	C 24
Insônia	C 25
Risos	C 26
Subterrâneo	C 27
Ardeite	C 28
Rio do corpo	C 29
Rebelião	C 30
Negra lha	C 31
Maraxial	C 32
Muralha	C 33
Ótica	C 34
Mega	C 35
Telmo	C 37
Decios	C 38
Seamho	C 39
Sem o sol	C 40
Neyação	C 41
Puridas	C 42
Horizonte	C 43

Para  
Lélia Abramo,  
estendida em lutas no tempo e  
nos campos vermelhos.

© 2009 Marcos Leão

Editora da UFPA

Campus Universitário - Trás das

Caras Postal 476

66010-900 - Belém/PA - Brasil

Telefone: (48) 3721-9448, 3721-9449 e 3721-9450

Fax: (48) 3721-9680

edufpa@editora.ufpa.br

www.editora.ufpa.br

Direção editorial

Paulo Roberto da Silva

Capa e edição

Paulo Roberto da Silva

Foto de capa

Leonardo Gomes da Silva

Revisão técnica-editorial

Ally Verges Menezes

Revisão

Maria Gerarda Siqueira Dias

Ficha Catalográfica

Deposito legal na Biblioteca Nacional de  
Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional de  
Arquivo Nacional de Brasília

Linha - Flomax/PA - 100 g/m²

2009

111p.

1. Literatura. 2. Literatura brasileira.

3. Ficção. I. Título.

## Sumário

- Horizontes do tempo C 11  
Pescador C 23  
Margem azul C 24  
Insônia C 25  
Risos C 26  
Subterrâneos C 27  
Ardente C 28  
Rio do corpo C 29  
Rebeldia C 30  
Negras ilhas C 31  
Manancial C 32  
Muralha C 33  
Obsceno C 34  
Corpos castos C 35  
Magia C 36  
Felino C 37  
Desejos C 38  
Sozinho C 39  
Sem o sol C 40  
Negação C 41  
Partidas C 42  
Horizonte C 43

Tempo ◊ 44  
Infância perdida ◊ 45  
Índio ◊ 46  
Tatuagem ◊ 47  
Reticente ◊ 48  
Brasileiro ◊ 49  
Centouro ◊ 50  
Outros ◊ 51  
Girassol ◊ 52  
Plenitude ◊ 53  
Novenas de bem-querer ◊ 54  
Espiral ◊ 55  
Mergulhos ◊ 56  
Corpo ◊ 57  
Vazante ◊ 58  
Lucidez ◊ 59  
Vermelho ◊ 60  
Indecisão ◊ 61  
Tempo fingido ◊ 62  
Equilibrista ◊ 63  
Carneiros ◊ 64  
Promessas ◊ 65  
Outono ◊ 66  
Revoada ◊ 67  
Convite ◊ 68  
Alarme ◊ 69  
Cais ◊ 70  
Segredos ◊ 71  
Azul ◊ 72

Morte ◊ 73  
Escrituras da memória ◊ 74  
Nômade ◊ 75  
Infância ◊ 76  
Condor ◊ 77  
Secretas ◊ 78  
Cicatriz ◊ 79  
Refúgio ◊ 80  
Vulcão ◊ 81  
Dor da terra ◊ 82  
De-cadência ◊ 83  
Averso ◊ 84  
Aldeia estranha ◊ 85  
Vitrais ◊ 86  
Tempo dos avós ◊ 87  
Ajoelhado ◊ 88  
Travessia ◊ 89  
Nos silêncios ◊ 90  
Soberano ◊ 91  
Urbano ◊ 92  
Des-maios ◊ 93  
Essência ◊ 94  
Simplicidade ◊ 95  
Engenhos ◊ 96  
Encanto ◊ 97  
Festa ◊ 98  
Búzios ◊ 99  
Giro da lua ◊ 100  
Cartas ◊ 101

Varais	•	102
Amoras	•	103
Mansidão	•	104
Cigano	•	105
Passagem	•	106
Renúncias	•	107
Calmaria	•	108
Açoites do tempo	•	109
Cobiça	•	110
Tempo dentro do tempo	•	111

## Horizontes do tempo

*As estrelas, para existirem, não carecem nem do olhar humano, nem da cosmografia. As obras de arte, no entanto, não existem senão pelo fato de existir um espírito que as acolhe e as ordena.*

Gaëtan Picon

Inútil será ler qualquer comentário sobre poesia sem a leitura vivenciada do poema. Bem observava a personagem Neruda, no filme *O Carteiro e o Poeta*, que explicar poesia é tanto inútil como inócuo, porque banaliza o sublime, quando este não se transubstancia em poética fruição. E Picasso até mesmo revidava com irritação quando alguém desejava “compreender a pintura”: “Por que não se tenta compreender o canto dos pássaros? Por que amamos uma noite, uma flor, tudo que cerca o homem, sem tentar compreendê-lo?” Melhor será assumir a atitude de Jean Cohen, profundo estudioso do poema: “compreender um poema é entrar em ressonância com ele”. Portanto, quem ler estas palavras como se substituíssem a leitura dos poemas de *Tempo dentro do tempo* ou quem imagina deparar aqui com a explicação racional dos textos de Marcos Laffin engana-se a si mesmo.

A poesia se preserva ou se manifesta para além das palavras. A poesia será sempre palavra e silêncio. Será processo infindável, pois o poema, configurado pela tessitura do autor, ressoará dinamicamente enquanto houver leitor que aceitar o desafio de revitalizar “a não-palavra/ que repousa / entre palavra e palavra”, na visão lírica de H. Domin.

Ao ser convidado para escrever palavras de apresentação deste livro, lembrei-me de um jovem que me foi apresentado pela poeta Mila Ramos, há pouco mais de quinze anos, e que se iniciava na arte poética através de dobraduras como *Seis Pedacos de Dois*, *Seis Luas de Solstício*, *Seis Marés de Água Viva* e do livro *Estivador*. Num comentário escrito na época, intitulado “O Estivador de Emoções”, anotei que “o poema de Laffin não se apresenta como revelação pura e primária do existente, mas parte das superfícies aparentes dos objetos e estados, buscando a sua transcendência, apenas viável pela ambígua via da sugestão. Trabalhando com o signo verbal, o poeta sonda as possibilidades da palavra-instrumento, pois tem consciência de que nada se comunica plenamente, mas que o poema é campo grávido de vida, emoção e vivência para enriquecimento do ser em permanente projeto [...]. O poeta indaga-se e sonda seu universo através de versos leves, libertos da medida rígida, empregando o metro conveniente ao fluxo ágil. O signo verbal arbitrário ordena-se em constantes metáforas e imagens. O poeta não nomeia objetos, mas sugere sentimentos, amplia vivências. Contradizendo a cientificidade arrogante do homem tecnológico, que pensa tudo dominar e explicar, o poeta Laffin

aceita o desafio da restringente palavra-signo e apenas sonda o desvelamento do mistério que o cerca e o constitui.”

Neste livro *Tempo dentro do tempo*, o poema de Marcos Laffin ostenta a maturidade resultante do processo de decantação pelo efetivo exercício poético. Quando está, de fato, maduro o poema? Quem escreve tem consciência de que está implicado em processo infindável. Quanto maior a consciência de que a prática da escritura tem por escopo a criação de obra de arte, tanto mais essa mesma consciência se mostra insatisfeita com o produto concretizado, instigando para sempre novas reescrituras. Estes poemas de Laffin, embora ainda estivessem retidos pela malha fina da consciência crítica do poeta, seguramente nada mais contêm de experimentalismo iniciatório. O próprio título – *Tempo dentro do tempo*, a par da problemática do fluxo inexorável do tempo, da exigida “coragem / na margem torta do tempo”, denuncia a exigüidade sempre insatisfatória do tempo de escritura, do tempo de gestação e maturação do poema, tempo este que pode ser vislumbrado dentro do tempo.

Sobretudo na primeira parte, a força lírica na expressão das relações amorosas, se reveste de filigranas notáveis, como ocorre em “Muralha”, “Rio das Águas” e “Obsceno”. Entretanto, esse substrato de lirismo amoroso que percorre os poemas, nunca assume submissão, meigas imagens românticas, mantendo-se envolto em elementos mais dramáticos, em imagens como: “nas curvas de tuas mãos / deitam aves de rapina”, em oposição a “estendido em tuas mãos / cantam os tangarás”. Recorrem referências a “precipícios



\*14\* da carne”, “deserto na carne” – “secreta mudez / desalinha promessas” – “festivo algoz / feliz devora / sorrisos de mansidão”; “braços acorrentados [...] / ardem em boca dissoluta / agonias lambem vendavais”. Aliás, não é pacífica nem harmoniosa a visão de mundo que se delinea de poema a poema: confrontos, desilusões, desafios, ânsias, indefinições, defraudações, desejos e renúncias requerem consideração. O clamor de “Cicatriz” marca os desencontros ou abalroamentos humanos. Distancia-se, assim, o poeta de expressões de caráter primariamente confessional e sentimental. Em “Refúgio”, os versos isolados e distanciados (des)orientam as vias do sentimento amoroso: “inexistes/ inocência / refúgios / solidão”, na instigante oscilação entre ânsia e defraudação, entre o positivo e o negativo, entre o possível e o inatingível.

Na segunda metade, os poemas assumem tonalidade social mais contundente, vigorosa, dramática, de denúncia e participação, no seu caráter mais amargo, denso e pesado. Veja-se “Vulcão”, “Brasileiro”, “Índio”, “Dor da terra”, “De-cadência”. Em todos os casos, os poemas ressaltam a expressão do *verso* na seqüência das palavras. O verso – do latim “vertere”, que significa verter, voltar – consiste exatamente no procedimento de o poeta, após determinadas palavras, interromper a seqüência, cortar a continuidade na linha e voltar ou prosseguir em outra linha. Essa interrupção tem por finalidade suspender por um momento o fluxo automatizante do pensamento ou da emoção, parar, refletir, concentrar-se, ressaltando possíveis efeitos de determinadas palavras antes de prosseguir. Avalie-

se, igualmente, a dimensão métrica do verso, aqui predominantemente curto, bem como o maior ou menor espaçamento entre as linhas/versos, pois tudo é significativo. Há uma intensionalidade de reflexão, há uma provocação para o questionário. Por essa razão, não se leia nunca o poema no mesmo ritmo contínuo e acelerado com que lemos um texto em prosa.

Em “Averso”, “Aldeia estranha”, “Horizonte” ou “Partidas”, por vezes, os poemas parecem telas de um Van Gogh, no ambíguo acesso à realidade, no retorcido dramático de cores e sensações. Aliás, avulta significativamente, em meio aos poemas do livro, a referência a cores variegadas, com efeito de plasticidade e de timbres de afetividade.

O tempo marca sua passagem dramática pelos poemas, esse “tempo / na face pedregosa das ausências!” – “O tempo / feroz e fingido / Navalha” – “O tempo / consome entranhas / no selvagem gesto” – no final de “Indecisão”, “Beijos soluçam / o tempo da espera” – “Aquela espera num olhar” – “Varal do tempo” – “Escrituras de memórias” – “O dilema de ser no mundo / múltiplas memórias”.

Observe-se a importância fundamental do título de cada poema para orientar a geração de sentidos, neste universo essencialmente conotativo-metafórico em que a exterioridade apenas aponta para a interioridade, tendo-se em conta, para efeitos semânticos, a ausência de qualquer pontuação orientadora e até mesmo de maiúsculas para indiciar inícios. Por exemplo em “Girassol” ou “Plenitude”, aparentemente, a

\*16\* semântica do título se distancia dos versos; já em “nos silêncios” se explicita bem mais a orientação de leitura.

O poema de Marcos Laffin demonstra, de forma inquestionável, a vitalidade da linguagem poética. Embora se apresente a “palavra reclusa”, ela não deixa de ser “testemunho”, porque a palavra poética, por mais reclusa que seja, por mais disparidades que se interponham nas suas conexões e relacionamentos, por mais que ela se esquive de qualquer apreensão denotativo-racional, essa palavra nunca abdica da sua soberania mágica, do seu metamorfoseante poder transfigurador, da insubmissão a significados definidos ou a roteiros preestabelecidos. Rasgando veredas sempre renovadas, suscitando emoções insuspeitadas, alongando horizontes jamais devassáveis, a palavra de Marcos Laffin instaura universos sempre desafiadores, impõe aberturas em quaisquer clausuras fundamentalistas, porque o poeta, nunca assujeitado a fórmulas acrobáticas, não comunga reducionistas semiologias, pois palavras, mais do que águias “soberanas no vôo”, comportam aberturas dialógicas e ostentam “reticências” que desafiam quaisquer “resistências”, no feliz trocadilho.

Em quase todos os poemas avulta o estranhamento, porque o linguajar surpreende, escusando-se ao pragmático sentido denotativo-comunicativo, insinuando veredas que instigam à exploração, propondo desafios ao leitor. Nas impertinências, procede às aproximações de disparidades, em habilidosas enumerações caóticas. A surpresa, o estranhamento, o desafio dos redirecionamentos marcam, por

exemplo, o poema “Desejos”, predominando, ininterruptamente, um jorro de imagens que não admitem leituras denotativas. Abunda a aparente impertinência de palavras, a disjunção entre epíteto e substantivo, o que lança a surpresa do estranhamento, provoca a desfamiliarização nas relações semânticas. Em decorrência, a leitura/fruição do poema reclama exigência maior. \*17\*

Um dos aspectos básicos e pontos fortes dos poemas de Laffin reside no predominante “desvio” que as palavras ostentam, na linguagem de Jean Cohen. Reina, então, com absoluta maestria, a metáfora com todo um séqüito de poéticas figuras de linguagem. Todos os poemas; e o poema todo, desenvolvem imagística de surpreendente originalidade. Entreabrindo-se os olhos, invadem-nos infindáveis danças verbais: “cerzi de desejos / a fecunda raiz” – “um cais de angústias” – “sombras que suam afetos” – “Teu olhar – essa tatuagem de aço...”; o título “Desmaios” prenuncia “maios” e “desmaio”. Por vezes, no entanto, impõe-se a perfeita simplicidade, e só mesmo poeta animiza de forma tão sensível um “Girassol”, num discurso de coerência e simplicidade; outro exemplo de quase retilínea transparência encontramos em “Essência”, não fosse aquele desafiador “inquilino” da última estrofe; “Simplicidade” mantém aquela tonalidade envolta em ternura, em meio a surpresas como “te ternuro”.

O reino da metáfora desdobra-se infindável, inqualificável, indeterminável (observe-se “Engenheiros”) e, como rainha soberana, divide seu reino com prosopopéias e sinestésias, em refinamentos sempre renovados, propiciando ao

\*18\* leitor aberturas incontáveis para excursionar pela razão e pelos sentimentos, num desfile intermitente de imagens: No “Tempo dos avós”, “a janela espera um olhar” – Colocando-se em seqüência “Ao silêncio” e “Ingênuo”, avulta a metáfora da “madalena urbana” de “Brasileiro”: “tenho lábios / não tenho dinheiro /.../ esmolo bocas” – “Teus olhos / são viajantes comigo” – “bebe invejas de mim” – “pedras sorriem” – “anoitecem palavras mudas” – “afetos verdes” – “ruídos mergulham” – “açóites de girassóis” – “sombras murmuram”. Superam-se invariavelmente sentidos codificados em dicionários, pois a linguagem poética é sempre criadora e inovadora, por ser insubmissa a cristalizações estáticas. Multiplicam-se as manifestações sinestésicas, envolvendo diversificação nos sentidos perceptores ou invertendo estados concretos e abstratos, numa liberdade sempre transfigurante: “As mãos mastigam a terra”; “adormece gestos” (transitivando o verbo) – “corações em aquarelas tanger / volúpias!” – “por onde passeiam sorrisos/ em pedras avermelhadas” – “escondo em lençóis a saudade” – “o coração ajoelhou”. Tais imagens insólitas convocam o leitor a participar solidariamente na vivência do sentido. E univocidade aparente, como em “puros silêncios”, exemplifica como o poeta está perfeitamente habilitado para transitar pelas vias mais diversas, desde uma ilusória univocidade até os desafiantes enigmas da linguagem para, em todos os casos, despertar a revivência poética.

Prosperam aliteraões, convocando sonoridades e significações a se solidarizarem: em “Sonho outra vez / estrelas, sóis / girassóis”,

a recorrência da sibilante medeia a solidão \*19\* – “Mansidão” alterna surdas e sonoras “Na margem,/ o corpo galo/ calmo, canta” – sucedem-se as repetições de fonemas: “o corpo invejável/ vigia/ as vigílias/ as viagens/ na nau da carne” – “castiçais e conchas – “recolho redes” – “sonhos que suam afetos”. E multiplicam-se os artifícios poéticos com antíteses de “Renúncias”: “minha fome de tigre / devora em algodão/ o porto das águas”; com anafóricas insistências do verso “Não sei/nada sei”, em “nos silêncios”; de “vendavais” em “calmaria”; em “Infância”, a anáfora assume a dimensão de verso inteiro, em obsessiva reiteração, marcando importância: “risco no chão o pião”, ocorrendo o mesmo em “Averso”, com o verso “tivesse eu quem me ouvisse”. Esporádicas rimas são bem-vindas sem se tornarem camisas-de-força, configurando-se na forma externa ou interna: “Lenha e lenda / armam a tenda / e na fenda se esvaem”. Rimas também podem incorporar parônimos, ampliando seus efeitos pelo jogo de palavras: “Sem reticência / sem resistência”.

Não espere, pois, o leitor deparar-se com caminhos claramente delineados e facilmente devassáveis. A lógica do poema reside na surpresa, no estranhamento, no desafio, no vislumbre do caótico, nas imagens criativamente instigantes e excitantes, pois um poema nunca está concluído e acabado, como um objeto que repousa no livro, nem, como ressalta R. Chartier, “se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole”. O poema é vida e requer interminável participação do leitor, como cocriador na geração de sentido, até por caminhos insuspeitados. O leitor não

\*20\* poderá contentar-se em ser um receptor passivo, a cera mole na qual se grava o texto, porque dele depende a sobrevida literária, pela revivência na reescritura do poema. Está, então, lançado o desafio de *Tempo dentro do tempo*, num convite à inesgotável cumplicidade.

Lauro Junkes

*Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...  
– São os teus abraços dentro dos meus  
braços,  
Via Láctea fechando o Infinito.*

Florbela Espanca

## Pescador

o pescador quara o peixe  
 ramos verdes e rijos  
 curvam ao sol

arde o fogo em tijolos amealhados:  
 peixes voam

no armazém de palhas  
 afetos verdes e rios de sol  
 trovões chegam:  
 pássaros voam

o pescador, pássaro e peixe,  
 quara a si mesmo

## Margem azul

turbilhão de sóis  
invadem a madrugada

abandonado em antiga morada  
pousa o cantar do pássaro:  
candidez se esvai em areias selvagens

e na margem azul de deuses despidos

eremitas novenam o amor

## Insônia

o olhar navega  
nas águas de bem-querer

aberto e cansado  
o peito faz margem  
antes dos vendavais

recolho-te em asilo  
e quando vens em infinito  
carrego um porto nos braços

## Risos

na mudez dilatada de espera  
 limpo com a língua  
 o sangue que escorre  
 estendo a mão à escuridão  
 alforrio bruxos  
 porões escarnecem  
 rasga o jorro no cio  
 com a língua marco o tempo  
 carne dilacerada  
 na escuridão rezo tua presença

## Subterrâneos

coloquei a vida entre parênteses  
 cavei subterrâneos em mim  
 no destilar dos sentimentos  
 desejos inquietos saíram a passear  
 fiz-me manancial

## Ardente

Sonho outra vez  
estrelas, sóis,  
girassóis!

Cartas na mesa.

Um espelho  
incendeia as labaredas  
dos desejos mortos!

Pra quem não sabe:  
solidão,

feudo dentro da gente!

## Rio do corpo

da embarcação  
o cheiro nativo de pele  
faz da dança  
um bailado enlouquecido  
o cantar  
traz conquistas de margens quietas:  
rompe terras segredadas  
despido banha-se em templos enigmáticos  
discreto  
faz-se o rio do corpo



## Rebeldia

Aprendi  
a não querer além dos desejos possíveis.

Descobri  
a não querer desejos mornos.

Desaprendi,  
já não sei querer.

A rebeldia  
o avesso  
me bastam!

## Negras ilhas

o agulhão fere  
agonias  
na mulher pesqueira  
o mar da lua sangra  
planície debruçada

ao levante de rede cheia  
chora um véu de cor rubi  
olhos armados de anzóis

## Manancial

no vôo a garça arde  
lilás quase suave  
não dorme o corpo  
infinita é a fome  
caranguejos  
em risos margeiam a imagem ao longe  
borboletas tateiam contra o vento  
línguas no muro

## Muralha

deita-se o suor  
revolvendo as entranhas  
no absorto fermento  
abrem-se fendas  
em muralhas abissais  
de onde jorram cálidas serpentes  
rastejo teus precipícios íngremes  
na miséria aflita dos teus braços

## Obsequio

águas de sal tecendo beijos

mãos em açoit

miradas de carícias

desfia o tempo

nu

um corpo em abandono

## Corpos castos

anoitecem palavras mudas

dançarinos se afogam

em outra margem

eucaliptos abrem as ramagens

e os arvoredos por testemunha

lambem corpos imundos

brisas em vitrais translúcidos

em rituais de entrega

corpos castos bailam

## Magia

juntei asas de águia  
e corpo de leopardo

navego imerso

nesse outro eu:

máscara e estilhaço

## Felino

nem sei onde há refúgios

gemidos soluçam  
castiçais e conchas  
navalham línguas

lenços de alvorada

vidraçam papéis  
castram pétalas viças  
memoriam cores

carne crua em volúpia

felino algoz  
feliz devora  
sorrisos de mansidão

## Desejos

prisioneiro  
do  
olhar  
que  
consome:  
botões se abrem

## Sozinho

palavras abertas  
murmuram sais e pedras

penso em ti  
no desalinho dos oceanos  
contenho a fúria da pele  
respiras um ar quente

deserto na carne

## Sem o sol

a trama das margens  
desenlaça o horizonte nas águas  
e adorna o corpo nu

nas curvas de tuas mãos  
deitam aves de rapina

estendidos  
cantam os tangarás  
beatas roçam palavras  
ateus voam

## Negação

o tempo atento  
empurra as madrugadas

rei coroado

curva-se camaleão

no peito,  
navalham dores.

## Partidas

na margem torta do tempo  
nada mais navega

a imagem na madrugada  
beija a face do lobo

feroz e fingido

o tempo vestido,  
navalha

tempo dentro do tempo

## Horizonte

verdades voam  
e sangram mordaças

desperta o menino

o tempo apaixonado avisou-lhe:

leva teus olhos  
carregando meu olhar

ao menino nu  
resta combater a terra

desenhando o vento

*Marcos Laffin*

## Tempo

na sala  
um olhar debruçado de tempo

na mesa antiga  
toalhas de linho

farpas de pão

## Infância perdida

aprisiono nas mãos  
roubo e abandono  
e as esperas na solidão  
são desertos da infância incendiada

nas meninas do olhar  
um cais de angústia

o menino

nu aporta

armadilha nos lábios

cru, o corpo se sacrifica



## Índio

o rio fez-me mar  
voei em flecha  
cantei e cavei a terra

o rio fez-me sangue  
brotei aldeia emparedada  
asas em flagelo

o sangue fez-me rito  
geme a flecha  
grita a aldeia

nem povo eu sou

## Tatuagem

a palavra reclusa testemunha  
o pouso do entardecer  
a solidão abre as asas ao sol

olhar essa tatuagem de aço

faz verdade miúda

e bebe invejas em mim

## Reticente

tanto faz  
 que tanto sou  
 que nada tenho  
 que tudo vôo

no espelho  
 existência  
 sem reticências  
 sem resistências

tanto faz  
 que de tudo tenho sido  
 tanto faz  
 o tanto que sou

## Brasileiro

o corpo é pouso  
 é pássaro

então não me façás meretriz

tenho lábios e não rezo  
 esmolo bocas

sou madalena suburbana  
 não te enganes

o corpo pássaro é pouso

## Centauro

o fel desmedido  
devora arqueiros  
no noturno do corpo  
a boca é o mar que lava  
amo em prados verdes  
devoro encostas em ruínas  
gemem as açucenas  
o escorpião devora-se  
devora a fome

## Outros

filho da história tupiniquim  
o arco desenha o mundo  
longe vai o pão e a pátria  
perto rasteja o homem  
quando a flecha agride a nudez  
meninos brincam de miséria  
eu, brasileiro, castrei os olhos

## Girassol

o girassol  
olhou o mundo  
dentro dos olhos do sol

no entardecer  
curvou o olhar  
e refletiu o mundo  
dentro de si

## Plenitude

Perguntaram-me do homem  
e eu disse:  
lua.

E perguntaram-me do amor,  
e eu disse:  
sol.

Então,  
perguntaram-me da vida,  
e eu disse:  
girassóis quietos.

## Novenas de bem-querer

quando não sei o que dizer  
o corpo entardece  
e amo um amor desmedido

e nas preces que só o corpo conhece  
deságuam novenas de bem-querer

o coração ajoelhou

## Espiral

a palavra rasga a mão  
o tempo ladra nos precipícios  
velas tateiam folhas secas

o cão que incendiava não era verde  
porque o homem é vigília

línguas no céu  
seio aberto nos braços da Via Láctea

## Mergulhos

ontem o vento brincava  
de soprar balões  
em cortinas umedecidas

hoje o tempo espia  
ondas fugidias  
temperam teu segredo

## Corpo

O corpo invejável  
vigia  
as vigílias  
as viagens  
na nau da carne:  
lâminas nas cavernas do silêncio.

Lenha e lenda  
armam a tenda  
e na fenda se esvaem:  
serpentes trafegam no fogo vil.

Código íntimo  
devora a casa  
desespero no altar intemporal:  
lágrimas nos olhos do mar.

## Vazantę

saudades são águas  
que vazam  
se espinhos fossem  
lembranças que sangram  
saudades vazam e calam o peito

## Lucidez

há de ser o vento  
empurrando ciscos  
na galáxia avermelhada  
incestuando capricho  
travando olhares  
carregando nuvens solitárias  
há de ser o vento

## Vermelho

a pele fresca dos figos  
cava a terra  
no peito grávido  
recanto de tantos temores  
silêncio de nuvens  
conforta as vestes das cinzas  
da turbulenta espera

## Indecisão

beijos soluçam  
o tempo de espera  
o vermelho lavrado resiste  
o sol queima o corpo  
na memória da mesa posta  
o mar fez-me sólido



## Tempo fingido

ancora um beijo fuzileiro  
na multidão  
da delicada face

geme o tempo enclausurado  
onde navalham fios do corpo  
dissimulado e entardecido  
finjo escuridão

## Equilibrista

de ternura e de demência  
escorrem dor e fome  
lago e vulcão

equilibrista de sonhos  
amordaça o império  
e na memória  
esperas e reticências  
o mar fez-me sólido

## Carneiros

em merenda de palavras  
um audaz sadismo  
serve carneiros  
em vozes redentoras

mudas histórias dormem no espaço

a tia deixa  
o padre não

## Promessas

queimada pela espera  
a raiz se espalha  
e revira a terra

acendem promessas de jorro pleno

na rua inquieta

girassóis olham o mundo  
feito mala pronta

## Outono

na minha cidade  
o vento passeia  
de mãos dadas com as folhas

os casais namoram

ainda sou interior

## Revoada

os velhos sonham e acordam  
nesse tempo que não voa

entre-abertos  
envelopes em tempo imperativo  
o silêncio secou o corpo

sem tempo

o tempo saliva outro

## Convite

o fio desfia o rosto  
 fechado em prece rezada

vaza uma lagoa de margem

e em dunas de papel  
 choram madalenas

## Alarme

azulejos e ladrilhos incendeiam trigais  
 e das luvas escorrem tintas  
 na febre das porcelanas vazias

azulejos e ladrilhos  
 incendeiam o encantado

sino das catedrais

de onde voam pássaros

e de onde tombam bruxas

à procura de oceanos

## Cais

pedra bruta  
cercada de murta  
em rios de água doce  
  
no lancinar das ondas  
lençóis se rasgam  
e as fibras na envergadura  
umedecem  
  
a cama toda golpeia as agonias  
ancorei em sentinela  
nessas águas primitivas  
  
guardo em ti meu cais

## Segredos

um anjo empurra  
as nuvens  
e um tigre sonha suas asas

## Azul

cavei o submundo  
à procura do azul  
alíciei o tempo na face pedregosa  
das ausências

manchei de ilusões o arco-íris  
habitei cavernas  
olhei o mundo

tentei envelhecer

## Morte

rasguei do corpo a pele  
mirei nos lábios a ceia do beijo  
e decifrei o escorpião

## Escrituras da memória

no olhar da escuridão  
tem memória e tempo

enganos violentam a lembrança  
engenhos de pierrô

outros ardem

inquisição na memória

## Nômadę

de palavras partidas  
a espera de quem as queime  
inundam-se as entranhas

recolho estilhaços

nas terras ainda úmidas

rastejo dentro dos desertos

## Infância

risco no chão o pião  
no canavial trabalho o doce

risco no chão  
o pião em riso  
lambuzo de açúcar a terra

risco no chão o pião  
tantas vezes

risco no chão o pião  
desenho sonhos

risco no chão o pião  
faço algodão doce

pião no chão grita:  
corre tempo

tempo dentro do tempo

## Condor

dentro do condor  
jambeiros rompem  
tingindo as tardes jagunças  
vindas do sul

dobram árvores  
quebranto de asas  
miram canções e juramentos  
precipícios da carne

braços acorrentados em cetim  
ardem em boca dissoluta  
agonias lambem vendavais

catedrais

Marcos Laffin



## Secretas

palavras de fogo rondam  
em rasgos de ventos  
as queixosas ausências  
secreta mudez  
desalinha promessas  
labaredas abrem o universo  
vens em lufadas  
gargalhando a nudez  
bem-me-quer-te-queru-sempre:  
alquimia da primavera

tempo dentro do tempo

## Cicatriz

Às vezes ao acaso,  
às vezes ao querer,  
pessoas costumam entrar e sair  
de nossas vidas  
como se atravessassem  
ruas em multidão.

Cuidado,  
a rua pode ficar deserta  
e pode ferir a cicatriz!

Marcos Laffin

## Refúgio

esse teu olhar me veste  
como te vejo

inexistes

como louco sonhei  
dentro de quem amei

inocências

abandonei a elegância  
dos caminhos humanos

refúgios

Via Láctea me veste  
de loucura

solidão

tempo dentro do tempo

## Vulcão

da indiferença aos lábios

um vulcão de pedras

abre a terra ferida

aguça o adormecido

ergue a espada

lobo urbano

grita em catedrais

arremessa moedas

e disfarça os olhos no espelho

no tempo ficaram as horas

## Dor da terra

As mãos mastigam a terra,  
misturam a semente.

Borboletas e eucaliptos  
renovam a estação.

Brota  
esperança  
de um povo sem fome.

No calendário,  
a dor persiste.

## De-cadência

Ventos pronunciam palavras.  
Decadências constroem catedrais.

Santos e ingênuos morrem de preguiça  
na cova podre do afeto traído.

O homem marcado  
ri de um alvo branco.

Sente o sangue jorrar  
na boca maldita do senhor que é ladrão.

## Avesso

tivesse eu quem me ouvisse  
da solidão  
do suicídio

tivesse eu quem me ouvisse  
no pântano enganoso da guerra  
na delicadeza avessa à violência

tivesse eu quem me ouvisse  
meus lábios mosteiros  
não mais  
hóspedes de silêncios

## Aldeia estranha

As flores azuis que sonhei,  
estão hoje acastanhadas pelo sol  
na tribo dos sentimentos.

No seio, as curvas.

No peito, os carinhos sonhados  
descem uma ladeira  
de águas escorregadias,  
centrifugando olhares.

As flores que vagueiam  
são desses sentimentos  
feito chilido de pássaros  
que amam, amam e amam!

Agora o vento pousa em maré distante,  
aldeia estranha.

## Vitrais

Olhos nus  
assombram-se  
nos pêlos ouriços  
sangrados em lençóis avermelhados

o tempo

consome entranhas  
no selvagem gesto  
fios de água incendeiam  
nos quartos do corpo

tempo dentro do tempo

## Tempo dos avós

a saudade veste  
um grande chapéu de pescador.  
Lençóis esquecidos  
quaravam ao sol

a janela espera um olhar  
desajeitadas lembranças  
trazem a inocência  
num cheiro de hortelã

folhas secas diante dos vendavais  
fazem-se risos indiferentes

no amarelo da terra  
canários viris vendem o corpo  
povoando hemisférios

no aparador da serra  
uma montanha se deita  
para olhar o mar que se afasta

Marcos Laffin

## Ajoelhado

dentro  
do mundo  
ao meu redor

transcendem deuses mutáveis

palhaços  
maçarás  
couraças

num muro sem escolhas

queimam as escuridões

varal do tempo

tempo dentro do tempo

## Travessia

Primeira:

O dilema de ser no mundo  
o mundo.

Segunda:

O dilema de ser no mundo  
dois.

E por última:

O dilema de ser no mundo  
múltiplas memórias.

Marcos Laffin

## Nos silêncios

nada sei da tua vida  
e nada sei dos teus dias...

não sei de como gostas  
o café de todas as manhãs...

não sei da essência  
não sei das fantasias  
nos banhos de todas as tardes...

não sei dos sonhos  
que contigo e em ti adormecem...

no entanto,  
teus dias fazem presença  
em minha vida

## Soberano

Leopardos  
em terras soberanas  
miram olhares.

Águias,  
soberanas no vôo.

Indefesas,  
frente aos leopardos  
que devoram o vôo  
infinitamente  
mais que as próprias asas.

## Urbano

descem as mãos  
em profanas crateras  
nas terras de velas ásperas.

Umedecido,  
cerzi de desejos  
a fecunda raiz.

selvagem vida urbana  
fecunda de desejos  
a raiz das delícias imortais

Úmidas,  
escorrem florestas.

## Des-maios

Nos maios de agora  
as águas silenciam  
tardes desmaios.

Aulas cizânias  
devoram  
atalhos no ternurar.

Cartas.  
Fortalezas.  
Desmandos.

Girassóis vermelham no solstício.



## Essência

Limpei  
a sala,  
o quarto.

Na casa,  
um ar de  
plenitude.

Meu coração,  
um inquilino  
intocável.

## Simplicidade

te vigio  
por entre os móveis da casa velha

te ternuro  
no tremor da voz suave

tão ingênuo  
esse meu jeito de te cuidar

prefiro assim, suave brisa  
beijos do vento  
no rosto das esquinas

## Engenhos

na margem à direita  
 águas de tempo e de ventos  
 curvam em dores

em outra margem  
 vaza um tempo amarelo  
 deitado em águas iguais

margens indefinidas  
 roçam sinais azuis  
 consomem amanhã

## Encanto

O amor dança  
 nos olhos da menina  
 dança também  
 no corpo do menino  
 que faz bailado  
 no querer mais dessa viagem!

Teus olhos  
 são viajantes comigo!

## Festa

rasgo silêncios que rangem  
na janela aberta dos ipês  
por onde passeiam sorrisos  
em pedras avermelhadas

escondo em lençóis as saudades

corro rastros e festas  
brincadeiras de infância  
memórias e fábulas  
entregues ao imaginário mar

revolvo terra e raízes

sangram gritos da espera  
silenciados em carne aberta  
benzidas pela entrega

pedras sorriem

tempo dentro do tempo

## Búzios

na cavidade profunda da concha  
ruídos mergulham  
ressoam iorubás

em toalha de linho  
a língua do mar lambe búzios:

gemidos ecoam na concha

que o vento abnu

## Giro da lua

peito atirado ao mundo  
em braços que seguem vôo  
à procura da lua cheia

muros que giram  
açoitam girassóis  
em repouso sagaz

coração noturno pouosa  
braços se abrem  
em bocas debruçadas

pássaros amarelos pousam  
no girar da lua

## Cartas

papéis de presente  
enlaçam a memória  
e desfazem o gosto de anis

nem sombras murmuram  
azaléias murchas

papéis de presente  
apressam o abraço  
leio no muro o recado

falas nas folhas secas  
que o vento abriu

## Varais

no cabide o uniforme formal  
adormece gestos frenéticos  
revestindo lábios ainda verdes

e nos varais  
o linho embranquecido de anil  
se enrola em ventos sangrados

e de longe silêncios desatam  
as roupas suadas de afetos  
e bem de perto a poesia

faz fumaça  
e arde no corpo nu

## Amoras

figuras em retratos  
tateiam a cidade imersa  
na mesa de um ipê  
sonhos e amoras  
disfarçam gentilezas  
galopando noturnos arvoredos

entregas florescem  
catedrais explodem  
corações em aquarela tangem  
volúpias

rios correm margens

aprendiz  
feiticeiro

## Mansidão

Pássaros quietos  
nesta manhã.

Cavalgada reticente  
na viagem louca  
dentro do peito.

Na margem,  
o corpo, galo,  
calmo, canta!

## Cigano

corpo nu azulado

pescando o tempo ○  
recolho redes

deságuam águas

não sou rei  
nem servo

Pássaro

## Passagem

trabalho na noite resignada  
de escuridão

libero segredos  
das sombras que suam afetos

o corpo desmaia  
a terra abre-se em ventre  
adormece cálida espera

## Renúncias

águas com que lavo os olhos  
carregam o olhar  
banhando em ti o único querer

escassas porções  
engolem o corpo  
em covardia

minha fome de tigre  
devora em algodão  
o porto das águas

## Calmaria

vendavais encantam

ardem em flores azuis

rasgam lábios

vendavais se escondem

fúria na videira

sangram

pétalas castas

vendavais silenciam

peito rasteiro

devassa as aquarelas

abismo encantado

vendavais enganam

tempo dentro do tempo

## Açoites do tempo

ventos arrastam

âncoras de espuma

e no tempo

os trigais gemem

escorpião que não beija

vira deserto

*Marcos Laffin*



## Cobiça.

rainha nua ladra  
o roubo das cortesãs

afiadas salinas  
desfiam rumores e amores  
penumbra indecisa das marés

sem tato e sem mando  
punho dilacerado  
vagueia entre braços vazios

lábios em ruínas  
lascivam nas arestas da rua quieta

## tempo dentro do tempo

o tempo distraído

descuidado

engravidou de si

no parto

generam as horas do porvir

quis o tempo ficar na infância

mas seus lábios de brincar

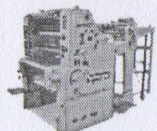
devassaram o eu-tempo

no riso

tempo dentro do tempo



CONFECCIONADO, CONFORME ORIGINAIS RECEBIDOS,  
NO PARQUE GRÁFICO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA - NOVEMBRO/2008  
IMPRESA UNIVERSITÁRIA



## COLEÇÃO IPSIS LITTERIS

### Poesia

*A alma não encolhe na chuva*, de Chandal Meirelles Nasser

*À luz da lua*, de Juliana Wosgraus

*A natureza e a natureza de ser*, de Eder Giovani Savio

*A palavra imediata*, de Carlos Damião

*Aveflor & outros poemas*, de Marcos Alqueire

*Baú de mascate*, de Júlio de Queiroz

*Borboletas*, de Suzana Mafra

*Búzios de aquário*, de Luis Soler

*Casa de paragens*, de Rubens da Cunha

*Céu de cristal*, de Irenê Voigtlaender

*Cem poemas*, de Dinovaldo Gilioli

*Cósmica província*, de Hugo Mund Júnior

*Cristal*, de Inês Mafra

*De nariz na vidraça*, de André Ramos

*Divagando*, de Osmarina Maria de Souza

*Entardecer*, de Valdemir Klamt

*Exeus*, de Dennis Radünz

*Ex-votos*, de Rogério Lenzi

*Fogofurto*, de Marcelo Steil

*Garfando com facas malditas*, de Luiz

Henrique Queriquelli

*Grifos & emblemas*, de Hugo Mund Júnior

*Margem móvel*, de Heron Moura

*Matéria-prima*, de Geralda Soprana

*No fundo dos olhos*, de Miriam Portela

*O continente possuído*, de Miriam Portela

*O coração sitiado*, de Luiz Silva

*O deserto do será*, de Roseli Maria Broering

*O sim da poesia*, de Regina Carvalho

*O sujeito fingidor*, de Maurício Roberto da Silva

*Pele submersa*, de Rita de Cássia Alves

*Poemas para quem caminha*, de Renato Tapado

*Que trazes pra mim?*, de Cynthia Valente

*Rapsódia de espantos*, de Silvério da Costa

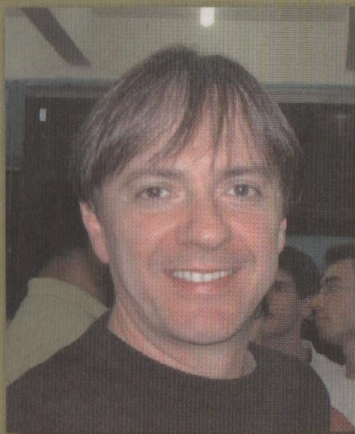
*Retrato e percurso*, de Alckmar Luiz dos Santos

*Rimas vivas*, de Davi Schmitz

*Schatten: gravuras nocturnas*, de Anderson Dantas

*Tempo de querer*, de Helton Ricardo Ouriques

*Vitrais interiores*, de Silmar Bohrer



**Marcos Laffin** é catarinense de Jaraguá do Sul, morou em Joinville e atualmente reside em Florianópolis.

Participou de diversos grupos de estudos de poesia, entre eles o Viva Poesia. Foi um dos fundadores do atual Grupo de Poetas Zaragata, de Joinville. Atuante nos projetos culturais Poesia em Trânsito, Pão com Poesia, Poesia na Praça, Autores na Escola, Varal de Poesia. Foi componente do Comitê Regional Joinville (PROLER), tem contribuído em livros, revistas, jornais, projetos culturais, periódicos de literatura e participado em antologias, encontros de poetas e congressos de escritores.

ISBN 978-85-328-0457-0



9 788532 804570